



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 82/2009  
Contatos: secretaria@isb.org.br

## O CASO HONDURAS

Engajado em projetos e atividades múltiplas, de enorme importância para a política externa, como a consolidação do Mercosul e a articulação da integração sulamericana, assim como a participação expressiva dentro do G-20 para a superação da crise e a democratização das relações internacionais, e ainda a reestruturação da ONU, especialmente do seu Conselho de Segurança, incluindo a pretensão de ocupar um dos seus assentos permanentes, o Brasil é surpreendido com o envolvimento direto e frontal, inesperado e indesejado, na crise política de Honduras.

Surpreendido, sim, porque não creio, nem posso crer que, empenhado na multiplicidade e tarefas ingentes e urgentes como as que acima estão referidas, pudesse o Itamarati ter tido qualquer participação mínima no retorno do Presidente Manuel Zelaya ao seu país e no pedido de refúgio em nossa embaixada. Nossas preocupações estavam e estão voltadas para a América do Sul, nosso continente. América Central e Caribe é ainda uma região de reconhecida hegemonia da liderança norte-americana, reforçada pela adesão do México à comunidade econômica do Norte. Fomos chamados, sim, à participação na missão de paz no Haiti, não recusamos, mas foi uma presença claramente pontual, da qual devemos nos retirar em breve com o sentimento de missão cumprida.

Honduras, decididamente, não estava no rol das prioridades brasileiras de caráter internacional. E, entretanto, caiu no colo do Itamarati, e não há como fugir à responsabilidade. Assim é a política, viveiro de problemas inopinados.

Foi inegavelmente uma operação bem planejada e muito bem executada, num momento amadurecido pela passagem do tempo sem nenhuma providência mais efetiva por parte da comunidade americana, especialmente dos EE UU, ameaçando constituir-se numa situação de golpe militar esquecido, de fato consumado, ainda que declaratoriamente repudiado. Momento oportuno também pela coincidência com a abertura da Assembléia Geral da ONU.

Noticia-se que a ação teve a inspiração e a ajuda material do Presidente Chavez, o que é não só possível como provável, em vista do interesse por ele já demonstrado em favor da recondução do presidente deposto, que ele pretende incluir no rol dos seus liderados, bem como pela aspiração de protagonismo e comando que vem manifestando nas regiões andina e caribenha.

E então o Presidente Manuel Zelaya subitamente, e secretamente, apareceu em Tegucigalpa, pedindo refúgio de perseguido político na porta de uma embaixada. Qual? A dos Estados Unidos, onde historicamente ficou Haya de La Torre, o perseguido peruano, por dezenas de anos em Lima? Não, porque não seria uma embaixada confiável, ante a inércia americana demonstrada frente aos golpistas hondurenos; para não falar na tradição de apoio a golpes militares na região. A outra que, em outros tempos, seria naturalmente a escolhida, a do México, não era também mais confiável, pelo seu comprometimento profundo com o grande vizinho do norte através do NAFTA. A terceira opção, em termos de eficácia, de poder de pressão, de respeitabilidade, era a do Brasil. E o Brasil foi escolhido, Manuel Zelaya, presidente deposto por golpistas em Honduras, materializou-se de repente, pedindo abrigo na porta da nossa embaixada.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: secretaria@isb.org.br



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 82/2009  
Contatos: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)

E agora, que o inesperado aconteceu?

Recusar era completamente impossível, diante das posições claramente assumidas pelo Brasil a favor da democracia e da legalidade, com o retorno do presidente eleito, desde a ocorrência do golpe; e até das tradições brasileiras, dos seus compromissos políticos internacionalmente reconhecidos. Teria que aceitar o pedido de refúgio e enfrentar as conseqüências. Enfrentamento difícil e conseqüências complexas no desdobramento: o Brasil sozinho, como ficam muitas vezes os líderes em situações embaraçosas.

A comunidade internacional tem de apoiar o Brasil mas com aquele apoio formal morno das situações em que o interesse é muito reduzido ou nenhum. Os latino-americanos, mais diretamente implicados, também apóiam, forçosamente, mas com aquele apoio que é mais um teste da liderança do novo líder do que uma sustentação efetiva, de ajuda. A Venezuela bem poderia estar encabeçando esta atitude de teste, até mesmo com certa expectativa de um vexame brasileiro. A Argentina, quem sabe? E os Estados Unidos?

Bem, igualmente, têm de declarar seu apoio ao Brasil, pela democracia e a legalidade; mas talvez gostassem de assistir a um fracasso do novo líder. Seja por que se trata de um crescimento que põe em cheque sua histórica e incontestável liderança em todo o continente americano; seja porque essa nova liderança tem tido alguns desplantes demasiados como, por exemplo, articular uma aliança militar com a França e pretender desenvolver, aqui no continente, no seu histórico quintal, sem a sua permissão, uma tecnologia de ponta na produção de armamentos. E talvez até, com isso, amanhã pretender desatender, quem sabe, interesses estratégicos norte-americanos como, por exemplo, o abastecimento com o petróleo necessário ao funcionamento daquela gigantesca economia.

Eis os fatos e as implicações. O embaixador americano na OEA condenou enfaticamente os golpistas mas disse que a atitude de Zelaya tinha sido irresponsável. Bem, nesta perspectiva, quem acolhe o irresponsável de certa forma também o é. E agora? Pessoalmente, acho que o Itamarati agiu corretamente e não poderia ter recusado o Presidente legítimo. Mas é o caso: de onde menos se espera, surge uma grande complicação.

Os golpistas lançam um ultimato e o Brasil, evidentemente, o recusa. Há toda uma regra internacional de inviolabilidade das representações diplomáticas, válida e respeitada até mesmo em situações de guerra entre os países. Mas militares golpistas, em desespero, não costumam respeitar normas de direito. Podem pensar que, já que vão perder, seria melhor assassinar o mandatário legítimo para que ele não seja o ganhador. Não é de se duvidar que algum coronel deles esteja pensando assim. Tudo é possível, mas o provável é que eles rompam relações diplomáticas conosco, e o Brasil então tenha de esvaziar a embaixada, o que não será ainda uma derrota, dependendo dos desdobramentos. O clima, claro, é de tensão. Até gases tóxicos andaram penetrando na embaixada.

Se o Brasil vencer, se Zelaya voltar à presidência, mesmo aceitando algumas condições negociadas, será realmente uma grande vitória, uma grande vitória internacional, nascida de um caso aparentemente sem nenhuma importância. Pode vencer, sim. E uma das brisas que, a meu juízo, brandamente sopram a nosso favor vem desta figura nova no cenário político mundial, que é o Presidente Obama, com toda a limitação que

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

[www.isb.org.br](http://www.isb.org.br)

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 82/2009  
Contatos: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)

tem para mudar linhas políticas estabelecidas em função de astronômicos interesses lá predominantes. Mas claro que também pode fracassar, numa missão que decididamente, não estava nos seus planos. E, no caso de um fracasso rotundo, todo o esforço de articulação sul-americana sofreria um dano inestimável, com a restauração plena da velha hegemonia norte-americana tal como era. É claro que esta é a preferência da nossa grande mídia, enriquecida naquela velha associação.

Assim é a política. Eu não me canso de rir das pretensões de previsão dos chamados cientistas políticos. Todos nós fazemos previsões políticas, obviamente, mas o fazemos com a humildade de começar a frase com “acho isso, acho aquilo”, nada parecida com a arrogância dos que prevêm política com o cunho de infalibilidade da ciência, a “ciência política”. Nessas horas de dificuldade, como a que está vivendo o Brasil em Honduras, não ajuda nada qualquer arrogância. Certamente atrapalharia.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

[www.isb.org.br](http://www.isb.org.br)

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)